

Política

AJ21924

www.twitter.com/gazetapolitica

Interior.

Em 2009, foi registrado um homicídio para cada grupo de 1.233 habitantes de Brejetuba. Foram nove mortes, para uma população de 11,1 mil pessoas. ■

Grande Vitória.

No mesmo ano, foi cometido um homicídio para cada grupo de 1.024 moradores da Serra. Foram 395 assassinatos, para uma população de 404,7 mil pessoas. ■

DESAFIOS DO ESPÍRITO SANTO

O PESADELO DA VIOLÊNCIA QUE CHEGA AO INTERIOR

Assassinatos e tráfico de drogas espalham o medo em Ibatiba e Brejetuba

FOTOS: VITOR JUBINI



BOIAS-FRIAS. A partir da esquerda: Priscila Silveira, 18 anos, Maria Aparecida Silveira, 26, Silvana Ferraz, 23, e a mãe, Arlinda Germano, 48, de Ibatiba: todas sobrevivem com a "panha" do café

ELEIÇÕES
2010

■ Situada na Região Serrana e habitada por cerca de 20 mil pessoas, Ibatiba teria tudo para ser uma cidade pacata de interior. Teria. Surpreendentemente, o cenário encontrado pela reportagem na cidade e confirmado por vários moradores é bem diferente. A Saúde é um problema; o mercado de trabalho, igualmente; mas o que tira mesmo o sono dos moradores (como as boias-frias da foto acima) é a violência, intimamente associada ao tráfico de drogas que, segundo relatos, domina alguns bairros da cidade.

A vizinha Brejetuba não fica atrás. Num ambiente ainda mais bucólico, a cidade – que não tem sequer uma banca de jornais – apresentou em 2009 um índice de homicídios por habitante comparável ao da Serra, município capixaba com maior número de assassinatos no ano passado.

As duas cidades – abordadas hoje na segunda matéria da série “Desafios do Espírito Santo” – podem ser consideradas esboços de um fenômeno maior que recentemente vem preocupan-

do as autoridades da Segurança Pública: a interiorização do tráfico de drogas e, conseqüentemente, da violência. Os números do governo o provam: ao contrário da Região Metropolitana, onde a quantidade de homicídios em 2009 foi 3,17% menor que em 2008, no interior houve aumento de 17,6% no mesmo período, de 600 para 706 homicídios. Destes, cinco ocorreram em Ibatiba e nove, em Brejetuba, que só tem 11 mil habitantes. Juntas, as duas cidades tiveram uma média de “assassinatos per capita” próxima à de Vitória, em 2009.

CONFRONTO

Uma dessas mortes chamou a atenção do Estado inteiro para o problema. Em outubro de 2009, um menino de 11 anos foi assassinado por um policial militar, supostamente por estar furtando salgadinhos em uma distribuidora. Durante o cortejo para o enterro do menino, moradores entraram em confronto com a polícia, e as ruas da cidade viraram uma praça de guerra.

Em junho, o governo estadual inaugurou o 14º Batalhão da Polícia Militar em Ibatiba, cujo prédio ainda cheira a novo. Mas a situação está longe de ser tranquila, como atestam moradores.



Sem esperanças, mãe pensa em não votar mais

■ Morando no cume de um dos muitos morros que formam o centro de Ibatiba, Alessandra Miranda, 28, tem uma visão privilegiada da cidade. O mesmo não se pode dizer de Larissa, segunda dos quatro filhos de Alessandra. A menina de sete anos tem problema de vista e dificuldade de aprendizagem por isso. Na escola, um médico da prefeitura constatou o problema. A mãe tem um encaminhamento para agendar um novo exame. Mas este só pode ser feito em Vitória ou Cachoeiro, já que a rede pública não o oferece na região. Enquanto Alessandra não consegue agendá-lo, Larissa vai enxergando mal. Já a mãe vai “enxergando” cada vez menos politicamente. “Eu voto, mas acho que não vou votar mais, não. Eles não fazem nada”, disse ela, sem saber que vai haver eleição.

Boias-frias sem renda e sem segurança

Uso de máquinas na colheita do café reduz empregos em Ibatiba, enquanto a violência aumenta

■ Por motivos óbvios, o motorista do caminhão não permitiu as fotos: em vez das sacas de café, o carregamento era de gente. No caso, um grupo de boias-frias, formado principalmente por mulheres, todas moradoras do bairro São José, um dos mais pobres e violentos de Ibatiba. A reportagem chegou ao morro bem no instante em que desciam para suas casas Maria Aparecida Silveira (26), Priscila Águida Marques Silveira (18), Silvana da

Costa Germano Ferraz (23) e Arlinda da Costa Germano (48).

Assim como grande parte da população local, elas trabalham como diaristas na “panha” (colheita) do café em fazendas alheias, ganhando por produtividade. No início de julho, quando estivemos lá, a colheita estava a pleno vapor, e elas faziam cerca de R\$ 200,00 por semana. O problema é o resto do ano, que vem ficando “cada vez mais curto”.

Para Silvana, um dos “vilões” é o progresso. “Com esse negócio de máquinas, nosso serviço está diminuindo. Acabou com os pobres. O serviço que fazemos em sete dias a máquina faz em dois. A colheita devia durar seis meses, mas só vai durar três.”

“Aqui em Ibatiba está horrível para quem é de baixa renda. No meio do ano, começam a faltar as coisas”

SILVANA GERMANO FERRAZ
TRABALHADORA RURAL

Enquanto as máquinas vêm tomando o lugar do homem na lavoura, o homem, pelo menos ali, vê na lavoura praticamente a única fonte de renda. “Fora da panha, se quiser trabalhar, é pra-

ticamente como escravo. É muita exploração, muito serviço”, confirma Silvana, que já trabalhou em duas casas como doméstica, recebendo R\$ 150,00 por mês. As colegas corroboram. Priscila, por exemplo, já trabalhou como babá, recebendo R\$ 100,00 por mês. “É pior que escravidão”, diz Maria Aparecida.

Além da baixa renda, as trabalhadoras vivenciam o outro grave problema social que caracteriza a região: o avô de Maria Aparecida, foi morto recentemente em frente à casa dele no bairro, aos 75 anos. Na mesma ação, o tio dela havia sido baleado e estava internado em hospital na Capital. Segundo elas, os policiais dificilmente sobem o morro,

“O consumo de crack é bem alto por aqui”

■ Z – assim vamos chamá-lo – cresceu nas ruas de Ibatiba. Hoje com 24 anos, não vive mais nas ruas, mas tampouco pode ficar em sua casa. O motivo: está marcado para morrer, pois conhece e denunciou os detalhes sobre organizações do tráfico que agem na cidade. Diz conhecer os autores de pelo menos quatro homicídios, todos ligados à mesma quadrilha. Já escreveu e, com dificuldade, leu para a reportagem uma carta na qual pede proteção

à Justiça. Ele conhecia o menino morto por um policial e acusa a polícia de ser parte do problema. Seu depoimento revela a gravidade desse quadro, mas também suas possíveis origens. “Arma, na cidade, só pesada. O consumo de crack e esse trem é bem alto aqui. Faltam espaços socioeducativos. Não adianta trazer polícia para a cidade se não trouxerem emprego. Podem trazer um Exército, mas, se não tiver trabalho, o sujeito vai roubar pra comer. Porque aqui não tem nada. Trabalho é só na ‘panha’, mas ela só dura três meses. E no resto do ano? Come areia? O prefeito e o governador deviam trazer uma firma.”